

Acordo de cavalheiros

por Adriana Vasconcelos
de Brasília

Para neutralizar os ataques mais duros da iniciativa privada ao Centro Gráfico do Senado Federal (Cegraf), o seu diretor executivo, Agaciel da Silva Maia, diz que mantém um acordo de cavalheiro com o mercado gráfico do Distrito Federal. "Nunca participamos de licitações ou concorrências públicas", lembra.

O presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas do DF e também do conselho direutivo da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf), Antônio Carlos de Araújo Navarro, nega

qualquer acordo. Mas admite que o Cegraf não compete com o mercado privado em licitações públicas.

"Oficialmente, esta concorrência não existe. Ela começa a ser registrada quando a gráfica do Senado foge de suas atribuições regulares para confeccionar material de campanha para os parlamentares", critica Navarro. Ele faz parte do grupo de pessoas que ainda consideram o Cegraf uma "caixa-preta", que serve de cabide de emprego para muita gente.

Para Navarro, a estatização cada vez maior do serviço gráfi-

co que atende a administração pública representa uma "concorrência desleal à iniciativa privada". Ele confirma que, se o Cegraf atuasse no mercado de Brasília, a indústria gráfica local sofreria grande baque.

"Afinal, eles têm tudo custeado pela União e acabam sempre com equipamentos mais sofisticados e de última geração", observa Navarro. Funcionários do Cegraf confirmam isto e destacam que só a impressora Xerox Docutech que atende o Legislativo imprime obras em preto e branco, coloridas, grampeia e ainda empacota a publicação.